

## O USO DA ENTREVISTA NÃO-DIRETIVA NA PESQUISA EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ALGUNS PONTOS PARA A REFLEXÃO DE PESQUISADORES E PESQUISADORAS

Valdeci Luiz Fontoura dos SANTOS<sup>1</sup>  
Mestre em Educação/UNESP (FCT/Presidente Prudente/SP)  
Docente UFMS/Campus de Três Lagoas

**RESUMO:** O presente artigo tematiza a questão da não-diretividade em procedimento de enquete (entrevista) em pesquisas na área de formação de professores. Contextualiza-se a questão na pesquisa em educação, desenvolvendo-a primeiro sobre sua suposta não-diretividade e depois tematiza-se o planejamento da mesma orientando-se sua aplicação. Por fim, defende-se sua adoção como estratégia para constituição do corpo de dados na já referida área de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa na área de formação de professores. Técnica de pesquisa. Enquete. Entrevista não-diretiva.

*O fenômeno educacional foi estudado por muito tempo como se pudesse ser isolado, como se faz com um fenômeno físico, para uma análise acurada, se possível feita em laboratório, onde as variáveis que o compõem pudessem também ser isoladas, a fim de constatar a influência que cada uma delas exerceria sobre o fenômeno em questão. (LÜDKE, 1986, p. 3)*

As reflexões sobre como fazer uma pesquisa na área de formação de professores tem ganhado espaço na academia brasileira, notadamente nos programas de pós-graduação em educação. A partir das décadas finais do século passado, este debate meta-científico volta-se, ora para os pressupostos e ora para as formas de execução das pesquisas, e, evidentemente, são o alvo das discussões em um, ainda, declarado antagonismo entre os paradigmas quantitativo e qualitativo.

Como resultados parciais deste confronto, há aqueles que acreditam na possível síntese dos paradigmas mencionados e, também, os que justificam a impossibilidade de síntese, mesmo que superadora. É bem verdade que o mote de tal antagonismo remonta a busca para um método próprio para as Ciências Humanas em oposição ao modelo das Ciências Naturais, bem como a

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: valdeci.fontoura@ufms.br

partir da constatação da impossibilidade de existir um método único para as várias áreas das pesquisas feitas pelo homem.

Destacamos, sem esgotar esta questão, dentro das pesquisas qualitativas, a forte necessidade de dar aos sujeitos de pesquisa “a palavra”, valorizando assim a linguagem enquanto meio para melhor desvelar os fenômenos nas ciências humanas e sociais, o que se confirma na fala de Martins (2001, p. 51), quando afirma que

... só haverá Ciência Humana se nos dirigirmos a maneira como os indivíduos ou os grupos representam palavras para si mesmos utilizando suas formas de significados, compõem discursos reais, revelam e ocultam neles o que estão pensando ou dizendo, talvez desconhecido para eles mesmos, mais ou menos o que desejam mas, de qualquer forma, deixam um conjunto de traços verbais daqueles pensamentos que devem ser decifrados e restituídos, tanto quanto possível, na sua vivacidade representativa. (MARTINS, 2001, p. 51)

Tanto os pressupostos e a epistemologia quanto às formas e ferramentas são discussões meta-científicas importantes e precisam ser feitas por aqueles que pesquisam com a intenção de melhor caminhar durante o desenvolvimento de uma pesquisa. Neste cenário, é objetivo deste artigo recortar uma das formas de coleta de dados que goza de certo prestígio dentre aqueles que pesquisam em educação: a entrevista não-diretiva.

Desfocando o antagonismo entre quantidade e qualidade, procuramos contribuir, em um esforço meta-metodológico, buscando a origem da entrevista não-diretiva, passando logo a seguir a tematizar o seu planejamento e execução em um processo de pesquisa.

Salientamos que não será abordada a pseudo-rivalidade entre entrevistas não-diretivas, diretivas e ainda outras técnicas de enquete como formulários e questionários, posto que temos como pressuposto que todas as formas de enquete<sup>2</sup> têm sua necessidade e colaboram enquanto ferramentas para que o pesquisador compreenda o fenômeno que estuda.

### **A origem da entrevista não-diretiva, alguns pontos para o debate...**

O primeiro ponto é conceitual e nos remete a pensar sobre o conceito que muitos pesquisadores construíram sobre entrevista não-diretiva: o que é uma entrevista não-diretiva? É

bem possível que, em nossas trajetórias enquanto pesquisadores, muito do que aprendemos se dá por imitação, entretanto deveria se dar por elaboração conceitual; tendo isto como verdade, em muitos processos de pesquisa, ‘são empunhados gravadores’ sob o rótulo de entrevista não-diretiva. Será que toda entrevista gravada é uma entrevista não-diretiva? Em que pesem estas indagações e também uma certa crítica, faz-se necessário buscar a origem deste tipo de ferramenta para coletar dados.

A entrevista não-diretiva configura-se, em um primeiro momento, em oposição ao uso dos questionários na confluência de áreas como a psiquiatria e psicologia, tendo como pressuposto a intenção de não intervir no processo de autoconhecimento dos sujeitos analisados. Ela é elemento integrante do chamado método não-diretivo aperfeiçoado pelo psiquiatra americano Carl Rogers durante o fim da primeira metade do século XX.

Utilizando o método não-diretivo, Rogers

preconizava seu uso principalmente nas situações de tipo terapêutico. Teoricamente, o objetivo é o de minimizar – ou mesmo suprimir totalmente – qualquer intervenção do psicólogo ou do psiquiatra capaz de “influenciar” o sujeito, para que este possa aprofundar, explicitar e esclarecer, ele próprio, suas atitudes a respeito dos problemas que se colocam para ele. (KANDEL, 1987 p. 172)

Cabe salientar que, ao contrário do que uma leitura superficial possa inferir, Rogers não objetivava manter-se distante dos sujeitos (pacientes), contudo, procurava aproximar-se aceitando incondicionalmente os sentimentos e opiniões e demonstrando profundo interesse sobre os mesmos. O método não-diretivo deixa como princípio, analogamente, o papel do terapeuta enquanto catalisador, ou até mesmo enquanto espelho que, para aproximar-se de seu cliente, escuta-o sem demonstrar suas percepções particulares.

Torna-se interessante explicitar que Rogers afirmava existir em cada ser humano uma tendência à autorregulação e ao autoconhecimento, cabendo à psicoterapia auxiliar no exercício destas tendências.

O meio para realizar tal atividade dentro do método não-diretivo foi denominado de entrevista não-diretiva, e tal modelo foi importado para a pesquisa em ciências humanas,

---

<sup>2</sup> Não existe uma única maneira de se aplicar uma enquete que nada mais é do que uma ferramenta de investigação para o pesquisador, as mais tradicionais são os questionários e as entrevistas, definindo-se e distinguindo-se, na primeira, as modalidades com perguntas abertas e fechadas e, na segunda, as modalidades diretiva e não-diretiva.

mantendo-se os princípios postulados por Rogers e buscando oportunizar aos sujeitos entrevistados a maior liberdade possível para darem os seus testemunhos, sendo permitido ao entrevistador, no máximo, auxiliá-lo a melhor formular suas opiniões com intervenções que indaguem e não que coloquem em discussão o que está sendo relatado pelo sujeito entrevistado.

Deixando a forma de execução de uma entrevista não-diretiva para um pouco mais adiante neste artigo, tem-se aqui um outro ponto para reflexão: como importar para a prática da pesquisa uma prática terapêutica? Os objetivos de um terapeuta seriam os mesmos de um pesquisador?

Com toda certeza, a entrevista não-diretiva ao migrar para a prática da pesquisa de opinião na área da sociologia – durante o início da segunda metade do século passado – sofreu adaptações, todavia sua justificativa era a possibilidade de evitar distorções por parte dos pesquisadores e garantir também que fosse ultrapassada a suposta superficialidade a que fosse conduzido um pesquisador que fizesse uso dos questionários para coletar os seus dados. É fácil perceber que a introdução das entrevistas não-diretivas em processos de pesquisa se dá por antagonização ao modelo de coleta na época vigente e mais usual.

Cabe aqui um outro ponto: quanto não-diretiva são as entrevistas não-diretivas? Existiria não-diretividade absoluta em um processo de pesquisa?

O pesquisador, munido de seus objetivos, procura através do entrevistado compreender melhor o seu fenômeno o que, em tese, descarta a ideia de não-diretividade absoluta<sup>3</sup>. Ao convidar os sujeitos para uma entrevista não-diretiva, já não se estaria dirigindo o processo de coleta de dados, isto é, o simples convite já dirige o olhar e o pensamento do sujeito para a questão fontal<sup>4</sup> do pesquisador. Em sendo assim, a não diretividade absoluta não existe. Ora, uma ferramenta adjetivada de não-diretiva que pressupõe a diretividade do pesquisador. Há com certeza aqui, no mínimo, uma contradição.

Ainda sobre este ponto, caberia anexar outro: Existe mesmo não diretividade no planejamento e execução das entrevistas não-diretivas?

Detendo-nos aos limites da origem da entrevista não-diretiva, dentro da própria área da psicoterapia, questionou-se a não-diretividade, afirmando-se que, por meio da interação verbal, o

---

<sup>3</sup> Esta categorização é de minha responsabilidade, entretanto devo reconhecer que o acesso aos textos que discutem a não-diretividade tanto no método não-diretivo como no uso das entrevistas não-diretivas foi restrito para a sistematização desta reflexão; no entanto e sendo fiel aos princípios de Rogers, chamo de não-diretividade absoluta a ação que pressupõe a ausência de intervenção durante o planejamento e execução de uma entrevista não-diretiva.

psicoterapeuta exerce ações de diretividade durante suas entrevistas. Ainda outros aspectos como raça e religião foram levantados como elementos diretivos na intenção de comprovar que não existia não-diretividade na prática psicoterapêutica de Rogers, que dizer então do uso desta ferramenta nas pesquisas em ciências humanas e sociais?

No entanto, a crítica à não-diretividade calçou-se tão somente no fato de existir interação verbal e não-verbal entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, argumentação marcadamente positivista, por acreditar-se que não é possível que o pesquisador interaja com seus sujeitos para que não se implique em perda de cientificidade.

Caberia aqui um último ponto: não-diretividade é conceituada igualmente por aqueles que admitem ou não a interação entre pesquisador e pesquisados?

Concluindo uma breve trajetória da origem da entrevista não-diretiva e de seu uso nas pesquisas em educação, cabe ressaltar que, na pesquisa em sociologia, de cunho marxista, organiza-se e difunde-se principalmente nos anos 1980 de 1990 do século XX a pesquisa-ação<sup>5</sup>, que tem como forte difusor no Brasil Michel Thiollent<sup>6</sup> por ter sido ele professor de Metodologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (UNICAMP).

A pesquisa em educação nos anos 90 de durante os primeiros anos deste novo século tem buscado na matriz metodológica da pesquisa-ação alternativas para melhor desvelar os fenômenos atrelados aos diversos objetos de estudo em pauta, difundindo o uso das entrevistas não-diretivas enquanto ferramenta para a coleta de dados, sob a ótica da pesquisa-ação ou até mesmo de outros modelos como a etnografia e também o estudo de caso.

Os pontos colocados até aqui devem servir para a reflexão daqueles que venham a optar pelo uso das entrevistas não-diretivas em seus processos de pesquisa e serão novamente abordados, neste artigo, durante a tematização de seu planejamento e execução.

### **Planejamento e execução de uma entrevista não-diretiva, para além do mito não-intervencionista...**

---

<sup>4</sup> A questão fontal é o ponto de partida da execução de uma entrevista não-diretiva, precisamente é o tema sobre o qual se quer coletar os dados tendo maior importância na condução da entrevista em relação a possíveis outros assuntos que venham a surgir, definidos como questões periféricas. (Cf. CHIZZOTTI,1995).

<sup>5</sup> A pesquisa-ação é definida por Thiollent como uma linha de pesquisa comprometida com a resolução de um problema real.

Partindo do pressuposto de que a grande intenção de uma entrevista não-diretiva é permitir aos sujeitos de pesquisa que expressem suas opiniões da forma mais livre possível, faz-se necessário admitir que o não-intervencionismo é um mito. Por que mito? Simplesmente pela constatação de que, ao definir a sua questão fontal, o pesquisador está dirigindo o processo de pesquisa, sendo assim, trabalho com a inexistência de não-diretividade absoluta e sim não-diretividade parcial enquanto elemento facilitador do contato entre o pesquisador e o seu objeto de estudo.

Sobre a entrevista não-diretiva, Chizzotti afirma que

o informante é competente para exprimir-se com clareza sobre questões de sua experiência e comunicar representações e análises suas, prestar informações fidedignas, manifestar em seus atos o significado que têm no contexto em que eles se realizam, revelando tanto a singularidade quanto a historicidade dos atos, concepções e ideias. (CHIZZOTTI, 1995, pp. 92-93)

Não discordando do fato explicitado acima, porém, chamando a atenção para a dimensão de não-diretividade parcial, pergunta-se: como planejar uma entrevista não-diretiva? Por onde iniciar? Destacamos que Chizzotti, em sua reflexão meta-metodológica, não explicita tais questões, exercitamos, então, a partir disto, a reflexão sobre como planejar e executar uma entrevista não-diretiva.

Antes de tudo, é preciso definir qual é a questão fontal da entrevista, o que se quer saber e isto difere enormemente do planejamento de um questionário. Observe-se que muitos pesquisadores elaboram perguntas e simplesmente gravam as respostas dos seus sujeitos denominando isto de entrevista não-diretiva, ora, tal prática somente difere de um questionário tradicional pela presença do gravador e, depois, pelo exercício da transcrição dos dados coletados.

Definir a questão fontal consiste em um belo desafio para o pesquisador, pensemos em uma situação hipotética, em um pesquisador que tenha delimitado como problema de pesquisa a relação entre professor e estudante a partir do cenário teórico da indisciplina em sala de aula, qual seria sua questão fontal para uma entrevista não-diretiva junto aos professores-sujeitos? Definir tal questão implica saber claramente quais objetivos se pretende atingir, admitindo nesta situação que o objetivo principal seja o de categorizar as concepções sobre disciplina e indisciplina dos sujeitos, a questão fontal poderia ser assim estabelecida: o que os professores entendem sobre

disciplina e indisciplina. Entretanto, se o objetivo é descrever tais manifestações no *locus* eleito para a pesquisa, a questão fontal seria outra, como por exemplo: quais manifestações de indisciplina você percebe em sua sala de aula?

Observe-se que a questão fontal, mesmo elaborada como uma interrogação, não é uma simples pergunta, mas sim, o mote para a realização da entrevista, em linhas gerais, a não-diretividade parcial neste tipo de entrevista se dá à medida que o pesquisador, intencionalmente, não obtém o controle sobre o andamento da entrevista.

Qual seria então a diferença entre uma entrevista não-diretiva e uma conversa informal e descontraída? Perceba-se que uma conversa informal não é planejada enquanto que esta forma de entrevista sim. Junto à definição da questão fontal, o pesquisador necessita esboçar estratégia para voltar a sua questão quando aparecerem questões periféricas durante a execução da entrevista não-diretiva.

Retomando nosso primeiro exemplo, poderíamos ver surgir durante a entrevista questões relacionadas às condições de trabalho do professor, que por mais interessantes que sejam, não estão diretamente relacionadas aos objetivos eleitos pelo pesquisador. Como agir então para retornar à questão fontal terminando assim por coletar os dados relacionados ao seu objeto de estudo e não a outro? Tal pergunta pode ter mais de uma resposta porque é necessário temporalizar o uso desta ferramenta no processo de execução de uma pesquisa, se estamos falando do início da execução de uma pesquisa-ação, não é necessário o esforço para retornar à questão fontal, até mesmo porque o objeto de estudo em uma pesquisa-ação pode ser mudado, todavia, se estamos coletando dados em uma fase decisiva para continuidade de uma pesquisa que objetive auxiliar na resolução de um problema coletivo, justifica-se a necessidade de retornar a questão fontal da entrevista por meio de intervenções. Para tanto, é necessário durante o planejamento de uma entrevista não-diretiva definir ‘pontos de apoio’ para executá-la, perceba-se que os que chamamos de pontos de apoio não podem ser entendidas como simples perguntas, este reducionismo pode nos conduzir a gravar a aplicação de um questionário, o que efetivamente não é a nossa intenção.

Voltamos a exemplificar para não deixar dúvidas sobre o que aqui se encontra em questão. Caso se tenha definido que a questão fontal de uma entrevista seja a categorização de crenças/representações de professores sobre as manifestações de indisciplina na sala de aula, uma possível questão periférica que surgiria durante a entrevista seriam os conceitos sobre os papéis

de professor e estudante no processo de ensino e aprendizagem. Partindo desta hipótese, seria prudente para o pesquisador elaborar formas para retornar à questão fontal, como por exemplo: Independente disto (dos papéis do professor e do estudante), que outras manifestações de indisciplina você tem percebido em sua sala de aula?

Atente-se para o fato de que uma interação verbal se dá também através da troca de opiniões, o que se pretende evitar em uma entrevista não-diretiva é que a troca se processe do entrevistador para o entrevistado como que reproduzindo a relação entre aquele que sabe e aquele que não sabe, deve ser o inverso, o pesquisador é que não sabe, por isto ele coleta os dados. Retomando, quantas mais forem previstas as possíveis questões periféricas e forem elaboradas as estratégias de retorno à questão fontal, melhor terá sido a execução da entrevista não-diretiva.

Nesse ponto, diferentemente do planejamento de um questionário, planejar uma entrevista não-diretiva requer que o pesquisador já esteja inserido na matriz conceitual do objeto de estudo que foi eleito, pois assim ele fará com maior competência a previsão das possíveis questões periféricas que poderão surgir durante a execução da coleta.

Esquemáticamente, planejar uma entrevista não-diretiva implica construir uma mapa conceitual ao redor de uma questão fontal eleita; em outras palavras, o pesquisador precisa estar atento para a forma como vai intervir sem prejudicar o relato do entrevistado, porém sem deixar que o entrevistado se distancie da questão tematizada.

Sendo assim, para além da “escuta ativa” apontada por Chizzotti, o pesquisador precisa estar preparado para conduzir a entrevista voltando para sua questão fontal. Parece-nos ser este o ponto dificultador na execução das entrevistas não-diretivas por ser necessário superar o mito da não-diretividade absoluta, sem o qual uma entrevista não passaria de um diálogo descontraído e informal.

Chizzotti chama a atenção para a necessidade de o pesquisador estar preparado para orientar o discurso para sua questão fontal, contudo, não aponta direções para se fazer isto. Acreditamos que a projeção das possíveis questões periféricas que venham a surgir em torno de uma questão fontal eleita previamente pode auxiliar o pesquisador durante a execução de suas entrevistas, garantindo assim que ele atinja os seus objetivos: coletar dados relativos ao seu objeto de estudo.

O planejamento de uma entrevista não-diretiva, em síntese, deve garantir ao pesquisador como um roteiro não-linear – posto que não está se usando questões prontas e acabadas para



serem perguntadas ao entrevistado – que consiga garantir a coleta dos dados que são necessários para a compreensão do fenômeno evitando assim que, em uma fase decisiva da pesquisa, colem-se dados difusos em relação ao objeto de estudo eleito.

Coletados os dados, surge uma outra questão: que tratamento dar a eles? Como analisá-los? São questões pertinentes e de elevada importância para o pesquisador que elegeu a entrevista não-diretiva como sua ferramenta para a coleta de dados. A prática da transcrição não se resume a “rew/pause/play”, visto que não é um ato mecânico, mas sim, uma interpretação do material registrado nas fitas; a transcrição é a composição de um texto onde devem ser registrados os silêncios, as exitações que muito podem dizer sobre as representações do sujeito entrevistado. Deve-se, então, proceder da forma mais rica possível ao registro fidedigno das informações contidas nas entrevistas, percebendo-se que esta fase ainda não é a análise dos dados coletados, e sim, a preparação para que a análise venha a acontecer respeitando-se a opinião, posições e representações dos sujeitos entrevistados.

Reiteramos que a entrevista não-diretiva não se resume à interação verbal entre pesquisador e sujeito pesquisado, mas também à interação não-verbal é muito importante, sendo assim, é indispensável para a execução de uma entrevista não-diretiva ‘caneta e bloco’ para registrar as impressões coletadas pelo entrevistador que não serão registradas nas fitas, dados estes que poderão enriquecer a tarefa de transcrição e registro das fitas.

Sobre a análise dos dados, reservamo-nos ao direito de deixar tal tema para uma outra reflexão à medida que tal questão não fazia parte dos objetivos deste artigo, mas adiantamos que a análise categorial nos parece a melhor opção para tal tarefa.

**Em favor do uso da entrevista não-diretiva nas pesquisas na área de formação de professores: uma possível conclusão...**

*A informação conseguida pela entrevista não-diretiva é considerada como correspondendo (sic) a níveis mais profundos, isto porque parece existir uma relação entre o grau de liberdade deixado ao entrevistado e o nível de profundidade das informações que ele pode fornecer. (Guy Michelat)*

A afirmação de Michelat<sup>6</sup> nos serve de auxílio no momento em que, mesmo considerando a não-diretividade absoluta como um mito, mas admitindo a existência de uma não-diretividade parcial, defendemos o uso das entrevistas não-diretivas como estratégia valiosa para a coleta de dados na pesquisa em educação.

Justificamos esta defesa na perspectiva em que o *locus* escolar constitui-se em um círculo de cultura que, mesmo influenciado por uma mídia e também pelo senso comum, não pode ser visto como mera reprodução do social. Há uma especificidade nas relações que, na escola, processam-se e também como o conhecimento transita em seu tempo e seu espaço.

As representações dos professores, coordenadores, diretores e supervisores de ensino sobre suas condições de trabalho, sobre seus desafios profissionais e, sobretudo, acerca do cotidiano da escola podem ser mais bem coletados por meio das entrevistas não-diretivas do que por questionários, não queremos dizer, com isto, que os questionários não têm utilidade, muito pelo contrário, podemos até utilizá-los para melhor conhecer o cenário em que é realizada a pesquisa ou até mesmo para eleger os sujeitos a quem se quer entrevistar; entretanto, não há como deixar de perceber que, através das entrevistas não-diretivas, o pesquisador tem acesso a muitas outras variáveis do seu fenômeno, seja pela vantagem do contato imediato com as questões por ele eleitas ou até mesmo pela aproximação – tão repelida no paradigma quantitativo – entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

A defesa do uso desta ferramenta implica reconhecer que a coleta de dados “não é um processo acumulativo e linear” (CHIZZOTTI, 2001, p. 89), mas sim, um conjunto de significações, práticas e representações sobre aquilo que se faz, pensa e oculta-se no espaço escolar que pode ser representado por uma teia em que os fenômenos se inter-relacionam e influenciam-se. Diante disso, parece-nos, mais uma vez, ser a entrevista não-diretiva uma boa opção para coleta de dados, já que valoriza o que é sentido e percebido por um sujeito que se encontra inserido em um contexto que foi recortado e eleito por um pesquisador enquanto objeto.

Percebe-se que a valorização da singularidade das opiniões e sentimentos de um sujeito é reveladora de aspectos relevantes do fenômeno pesquisado que, para além da valorização do que é subjetivo, pode inferir ao pesquisador o que é mais representativo sobre a questão focal abordada na entrevista.

---

<sup>6</sup> Guy Michelat discutiu o uso da entrevista não-diretiva em sociologia defendendo sua utilização para a reconstituição de modelos culturais da nossa sociedade.

A partir de mais de uma singularidade, de mais de uma opinião sobre determinada questão, as entrevistas constituem uma rede que pode oportunizar uma reflexão multi-dimensional sobre um determinado fenômeno, o que pode garantir, em uma pesquisa qualitativa, uma abordagem mais assertiva do problema estudado, ainda mais se considerarmos as possibilidades da pesquisa-ação enquanto prática de transformação da realidade escolar, mas isto já é questão para uma outra reflexão.

### Referências bibliográficas

CHIZZOTTI, A. C. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FAZENDA, I. C. A. (org). *Metodologia da pesquisa educacional*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KANDEL, L. Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente sobre a não-diretiva, e sobre as pesquisa de opinião. In: THIOLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 5.ed. São Paulo: Editora Pólis, 1987.

LÜDKE, M. Evolução da pesquisa em educação. In: LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, Ivani. *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 2001.

MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 5.ed. São Paulo: Editora Pólis, 1987.

ROGERS, K. *Grupos de Encontro*. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

**ABSTRACT:** The current article discusses the non-directivity question in interviews procedures in teachers' formation researches. It contextualizes the question in education research, developing it, at first, about its probable non-directivity and, afterwards, about its planning towards its application. Finally, this article defends its adoption as a strategy to the constitution of the the data body in the already referred area of research.

**KEYWORDS:** research in the teachers' formation area. Research technique. Interview. Non-directive interview.

Envio: Maio/2014  
Aceito para publicação: Maio/2014